

O trabalho a tempo parcial surge como uma das novas formas de trabalho, integrada num princípio de «partilha de trabalho», com um estatuto muitas vezes ambíguo, podendo traduzir, por um lado, uma repartição mais igualitária da mão-de-obra e, por outro lado, um instrumento que permite a inserção laboral de indivíduos distante das «relações laborais do tradicional modelo de emprego». Globalmente, ainda que se constatem diferenças nos países da Europa dos quinze, o trabalho a tempo parcial conhece um visível acréscimo, quer no respeitante ao contingente de trabalhadores que abrange, quer relativamente aos sectores de actividade que cobre. Como se situam as mulheres face ao trabalho parcial? A autora afirma que, se a proliferação dessa forma de trabalho é geral, a sua «prática é desigual». Há situações claramente diferenciadas consoante a idade, o sexo, a escolaridade, a situação perante a profissão, o sector de actividade e os motivos que justificam tal situação. Para além de ser bastante feminizado, o trabalho a tempo parcial é por vezes involuntário, o que constitui uma condição decisiva para o encaminhar para uma modalidade, entre outras, de trabalho precário.

Refere-se ainda a existência de um «claro fosso geográfico» no interior da União Europeia: «o trabalho a tempo parcial é das mulheres no Norte da Europa; as do Sul (países mediterrâneos) apenas recorrem a este tipo de trabalho de forma marginal» (p. 55).

A atenção da autora recai, por último, nas políticas de gestão do local de trabalho. Tendo como pano

de fundo a mundialização da economia, as inovações tecnológicas e a necessidade de adaptabilidade das empresas e das pessoas, é discutido o teletrabalho como o «novo trabalho no domicílio» (p. 66). Glória Rebelo enceta uma análise detalhada acerca do teletrabalho e do teletrabalhador, demarcando-se de visões excessivamente optimistas e revolucionárias que associam o teletrabalho ao início de uma nova era laboral. Com efeito, ainda que se assuma como uma modalidade em forte expansão no interior dos países da União Europeia, coloca problemas complexos, por exemplo, ao nível do isolamento e do estatuto jurídico do teletrabalhador.

À laia de conclusão, trata-se de um livro que traça um breve (88 páginas) e perspicaz retrato de algumas linhas norteadoras da discussão sobre um vasto e importante problema da sociedade portuguesa e da União Europeia.

SOFIA ALEXANDRA CRUZ

*José Machado Pais, Sociologia da Vida Quotidiana. Teorias, Métodos e Estudos de Caso*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2002, 284 páginas.

Desde que tive a oportunidade de fazer a leitura de *Sociologia da Vida Quotidiana: Teorias, Métodos e Es-*

*tudos de Caso*, do Dr. José Machado Pais, quando ainda estava em versão preliminar, fiquei encantado com a qualidade do texto e o conteúdo das ideias discutidas. Encantei-me ainda com o estilo dinâmico da escrita, as analogias com a pintura, literatura e arte em geral. Proporcionando agradável leitura, sem os pedantismos intelectuais e, no entanto, sem perder o rigor que se deve ter.

Desde aquele momento tive de me juntar obrigatoriamente ao coro de outros colegas professores, sociólogos, estudiosos e intelectuais que há tempos vinham pedindo insistentemente ao Dr. Machado Pais a publicação de livro que versasse a respeito de «sociologia da vida quotidiana», assunto que tanto domina e tão bem apresenta nas suas aulas.

Porém, como o próprio Machado Pais assinala logo nas primeiras páginas do seu livro, apesar de acalantar o desejo de tal publicação, tinha resistências iniciais e isto acabava por trazer-lhe um grande problema: «o mal de adiar projectos é que passamos a vida a refazê-los» (p. 13).

Ocorre que, somada a sua perspicácia de investigador/professor/escritor com esta dinâmica de não se dar por satisfeito e constantemente refazer o projecto de construção/publicação da presente obra, acabamos por sermos brindados com esta primorosa publicação *Sociologia da Vida Quotidiana: Teorias, Métodos e Estudos de Caso*, editada pela Imprensa de Ciências Sociais (2002).

Pois bem, mas como será este ofício de sociólogo do quotidiano?

Machado Pais dá-nos algumas dicas logo na sua introdução, comentando algumas situações por ele vivenciadas na sala de aula junto dos alunos — aos quais, por sinal, dedica o livro.

Para ilustrar exemplifico uma destas situações: ao chegar à sua primeira aula, ao invés de se dirigir para a secretária reservada ao professor, senta-se junto dos alunos, seguidamente fazendo algumas perguntas, tais como «o que se vai passar?», «do que trata esta tal sociologia da vida quotidiana?», «quem é o ‘prof.’ que teremos de aturar?». Depois de engendrada tal situação expõe o objectivo pedagógico: o de que a vida quotidiana nos coloca inúmeras situações desconcertantes e que estas podem ser estudadas pela sociologia.

E que surpresa ao questionar os alunos sobre estas e outras situações, que cada qual tem interpretações próprias, sobre o ocorrido, nem sempre convergentes, mas que ajudam a compor o mosaico de azulejos do quotidiano e a percebermos que nem sempre são possíveis as generalizações pretendidas pelos paradigmas ainda dominantes nas ciências sociais.

Por outras palavras, demonstra transformar o *locus* de aula num verdadeiro laboratório de descobertas quotidianas movidas pela curiosidade sociológica, o mesmo percurso deste livro.

Recorro então ao ditado «ostra feliz não faz pérola». E ao que nos remete este? A ideia de que a ostra

só consegue produzir aquela linda pérola quando entra na sua concha, por descuido, uma partícula de areia juntamente com o alimento e ela não consegue eliminá-la. É obrigada, assim, diante do incómodo, a expelir substâncias que agem enovelando o grão de areia, tornando-o menos incómodo e resolvendo o seu *problema*. Pois não é exactamente esta a origem das nossas investigações: a curiosidade, algo que nos incomoda, um problema que nos aflige?

Inicia assim o livro, desmistificando a ciência e assumindo a tarefa de colocar no debate a pluralidade infinita de detalhes e expressões da vida quotidiana, os quais, ainda nos nossos dias, têm ficado à margem na sociologia tradicional.

Divide a obra em duas partes: na primeira discute teorias e métodos que têm influenciado a sociologia da vida quotidiana, enquanto na segunda apresenta alguns estudos de caso que ilustram este tipo de abordagem.

Deste modo, no capítulo I desta primeira parte, intitulado «Nas rotas do quotidiano», esclarece que a sociologia da vida quotidiana prefere a «descoberta» à «demonstração» e que para tanto se faz necessário o «vadiar sociológico».

Expressão esta que me fez inevitavelmente lembrar de um jogo-luta-dança afro-brasileiro chamado *capoeira*, no qual os *participantes quotidianos*, mais escondem do que revelam, em especial para aqueles que observam mas não olham, permanecem na distância segura das suas metodologias

tradicionais: sem se aproximarem, conviverem, dialogarem, se emaranharem.

A ideia do «vadiar sociológico» recordou-me também uma cantiga de *samba de roda* que diz mais ou menos assim:

*Sereia, sereia  
eu nunca vi tanta areia no mar  
Sereia, Sereia  
Eu vim aqui foi pra vadiar,  
eu vim aqui foi pra vadiar.  
O vadeia, vadeia tô vadiando  
Eu vi macumba na areia  
O vadeia, vadeia tô vadiando  
Eu vi macumba na areia...*

Lembrando que se trata a *macumba* de rito africano que, em sentido figurado, como no desta cantiga, pode representar mistério, enigma, perigo. Mas o bom *capoeira*, *sambista de roda* ou o nosso *sociólogo do quotidiano* caminha pela areia sem esquemas rígidos, preconcebidos e predeterminados, mas com liberdade de quem «vadeia», sempre, porém, atento às pistas do quotidiano que o circunda e no qual o seu corpo-próprio se mescla, conforme Merleau-Ponty nos informa em *Fenomenologia da Percepção*.

Nos capítulos II e III, respectivamente «O sociólogo ‘ouriço’ e os saberes ‘não alinhados’ da sociologia» e «À descoberta dos enigmas do quotidiano», debate-se a ruptura com o positivismo e com certo dogmatismo da sociologia tradicional. Insiste na necessidade de um afastar dos caminhos viciados nos quais só se vê

aquilo que o modelo teórico permite, como se usássemos viseiras laterais que nos impossibilitassem um olhar periférico ou marginal.

Ainda nos comenta a etnografia, os estudos de caso e um brilhante texto reflexivo sobre o jogo claro-escuro. Fazendo relações com os pintores Velázquez e Caravaggio, que usavam e abusavam da «iluminação» ao pintarem as suas tabernas e os seus frequentadores típicos, ao invés da pintura aceite à época: temas religiosos com luzes moderadas. Foram tais artistas por isso classificados pejorativamente como «retratistas». E não é isto, afinal, um pouco o que acontece com os investigadores que se propõem trabalhar com as metodologias qualitativas? Mas:

- Poderíamos nós identificar a luz se não houvesse a escuridão?
- Veríamos a figura se esta não tivesse o anteparo do fundo?
- Quando a ciência faz um recorte não deixa parte do conhecimento de fora?

No capítulo IV, «Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana», tece as suas críticas e observações a respeito das correntes teóricas que influenciam a sociologia da vida quotidiana, tais como o marxismo e a fenomenologia, entre outras, dando o recado de que as suas crenças não são orientadas por profissão de fé, mas revestidas de profundo rigor epistemológico. Posiciona-se, particularmente, sobre a necessidade de diálogo entre as chamadas micro e macroanálises.

Mostrando-se preocupado com a seriedade das análises, no capítulo V, «A contextualização sociológica pela via do quotidiano», afirma a necessidade de cuidado que a via do quotidiano deve ter na relação entre os contextos vivenciais dos indivíduos e os contextos interpretativos/explicativos da sociologia. Discute também as normas de conduta «prescritas» e «transgredidas».

No capítulo VI, sob o sugestivo título «Cifrando e decifrando», mostra a necessidade de percebermos uma outra lógica, além da «cifradora», típica das abordagens quantitativas, buscando nas abordagens qualitativas a ancoragem da investigação e descoberta do desconhecido na compreensão/apreensão do quotidiano e, portanto, na lógica «decifradora».

Não fazendo de modo algum *tábula rasa* das investigações quantitativas em curso, sabe-se que por vezes tais «cifrações» mais escamoteiam a tão propalada verdade do que a esclarecem. Aludindo à situação no meu país de origem, o Brasil, tivemos oito longos anos de «cifras» positivas do social brasileiro, como o aumento do índice de crianças nas escolas. Mas pouco o governo divulgou sobre outro índice, o de evasão escolar, e muito menos sobre a *qualidade* das relações sociais na comunidade escolar ou, propriamente, a *qualidade* do ensino ofertado.

No último capítulo desta primeira parte, «Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana», Machado Pais apresenta-nos possibilidades de recurso a fontes literárias, orais, biográficas e áudio-visuais pela via

do quotidiano, *informando-nos* e *formando-nos* da riqueza destas fontes e alertando-nos novamente para o cuidado e rigor na interpretação das mesmas.

A segunda parte do livro, conforme já adiantado, propõe-se ilustrar investigações sociológicas que tomam como alavanca do conhecimento o quotidiano. Apresenta, assim, três estudos de caso desenvolvidos por ele próprio.

O primeiro estudo de caso, «Reflexões de um sociólogo na solidão do quarto de um *Melia Confort*», retrata a situação mescla de ansiedade-responsabilidade do próprio autor aquando de um colóquio académico no qual comentaria vultosa obra de outro colega. Diga-se, de passagem, conforme lia o texto, sentia-me um pouco personagem do mesmo ao escrever esta recensão. A diferença é que não estava no luxo e tão-pouco na frieza de um hotel, mas gozando da hospitalidade portuguesa.

Mas ainda bem que sou brasileiro, pois o segundo caso vai tratar de um antigo adágio português, «de Espanha nem bom vento nem bom casamento», que, no caso brasileiro, faria maior sentido se fizessemos trocadilho similar com a vizinha Argentina. Ainda mais depois de «andarem a dizer por aí» que o Maradona foi melhor jogador do que o Pelé.

Percebam quão curioso, aguçado e arrojado é o nosso autor, que de um aparente simples ditado estabeleceu uma investigação; iniciando o seu percurso no Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, logo descobriu que não era ali que esta-

vam as respostas, mas numa certa representação simbólica da moral sexual portuguesa.

Vou lendo o livro de um só fôlego e imaginando Van Gogh a pintar os seus quadros: passa próximo de *A Ponte Langlois*, vê o movimento das lavadeiras sob ela, sente a situação e pinta-a; olha para o *Vaso com Girassóis*, percebe a sua luminosidade e com intensidade quase alucinatória pinta-o; perturba-se com a agitação dos *Corvos no Campo de Trigo* e pinta-os; observa as loucuras das paixões do *Café de Muit* e pinta-o. Não é bem isso que Machado Pais faz e propõe: olhar-sentir-perceber as coisas quotidianas e pintá-las? Ou, parafraseando Merleau-Ponty em *O Olho e o Espírito*: o artista empresta o seu corpo ao mundo e devolve a sua percepção na pintura.

Mas como se já não tivéssemos sido suficientemente encantados e esclarecidos com a obra, somos ainda brindados com um terceiro caso, o qual alude à identidade luso-afro-brasileira do fado, o qual me é particularmente muito caro. Sou filho de pai português e cresci escutando a minha mãe a cantar fados, quase sempre a pedido do meu pai. Vale esclarecer que a minha mãe, apesar de brasileira, era também filha de imigrante português e, diga-se de passagem, cantava bem melhor do que o meu pai, que se dava melhor — como quase todo o bom imigrante português no Brasil — cuidando da padaria.

Vejam, no entanto, que interessante! Um olhar menos atento, como o meu, diria que o gosto do fado se

deve exclusivamente a este meu histórico familiar de origem portuguesa. Quando Machado Pais, com a sua incansável curiosidade, vai esclarecer-nos possuir o fado raízes também africanas. Permitam-me citar um trecho deste seu texto:

O fado do *fado* é a sua circulação, o seu destino errático, a sua existência clandestina, a sua vadiagem. Por isso se diz que o fado é *vadio*. Como vadios eram todos aqueles que o abraçaram nas suas origens: prostitutas e rufias, negros e mulatas, chulos e ciganos. São esses tráfegos vadios do fado, essas navegações transcontinentais de sons, que possibilitam os entrelaçamentos que dão suporte à identidade luso-afro-brasileira [p. 249].

O texto científico soa como poesia. Machado Pais consegue, como poucos, conjugar ciência com arte, articular o rigor com o humanismo, debater e construir o conhecimento sem o pedantismo ainda reinante no meio académico. Como se estivesse ele, e nós na *boleia* ao lermos o livro, num passeio, num *vadiar sociológico ocioso*. Lembrando que a palavra «ócio» se origina do grego *sholé*, o qual era proclamado pelos filósofos da Grécia antiga como primordial para o cultivo do corpo, da arte, da cultura e... da ciência.

Para aqueles que têm buscado outras possibilidades metodológicas trata-se de leitura fundamental, uma sociologia qualitativa com qualidade!

LUIZ GONÇALVES JÚNIOR

*Pacheco de Andrade, O Bispo Controverso. D. António Ferreira Gomes, Percurso de Um Homem Livre*, Lisboa, Multinova, col. «Palavra e Testemunhos», 2002, 294 páginas.

Não vale a pena, a propósito deste livro, lamentarmos o facto de em Portugal o género biográfico ser pouco acarinhado. Na verdade, a obra *O Bispo Controverso* não é uma biografia de D. António Ferreira Gomes (1906-1989), ainda que abra o caminho a quem a quiser escrever. O autor, de resto, não alimentou esse propósito. Deste modo, o livro que aqui se apresenta é plenamente conseguido para o objectivo (limitado) que se propunha: evocar a figura e a memória do «bispo do Porto» (a dimensão de D. António é tal que ficou assim conhecido, como se antes dele ou depois não tivessem existido outros prelados na diocese).

Infelizmente, não ficamos a conhecer o período de formação de D. António, o que seria extremamente importante para mergulhar nas raízes de um saber enciclopédico. Os seus escritos são, aliás, marcados por um intelectualismo por vezes excessivo e — por que não dizê-lo? — por uma exibição algo forçada de referências culturais. A *Carta ao Cardeal Cerejeira*<sup>1</sup>, por exemplo, é de tal forma pejada de citações e alusões que exigiu

<sup>1</sup> Cf. D. António Ferreira Gomes, *Carta ao Cardeal Cerejeira*, 16 de Julho de 1968, introdução e notas de José Barreto, Lisboa, 1996.